Seminário Aberto

Hermenêutica da Literatura e Tradução

2.5.

Hermenêutica e Tradução do Neo-realismo e do Surrealismo José Saramago: *O Ano de 1993*

Burghard Baltrusch

2021







Algumas datas-chave

28 de Maio de 1926: golpe de Estado por militares e civis antiliberais, queda da Primeira República Portuguesa, instauração da Ditadura Militar.

1928: António de Oliveira Salazar, ministro das finanças.

1932: Salazar nomeado presidente do Conselho de Ministros, inicia o Estado Novo (corporativista).

1961: Início da Guerra Colonial, Portugal internacionalmente isolado, Salazar: "estamos orgulhosamente sós"

16 de Março de 1974: Tentativa de golpe militar fracassa

25 de Abril de 1974: Revolução dos Cravos

Verão Quente de 1975: Época conturbada caracterizada por uma certa anarquia no Governo, Forças Armadas e Sociedade, crescentes tensões entre grupos de esquerda e de direita, influências dos EUA e da CIA, entre outros.

25 de Novembro de 1975: Fim do Processo Revolucionário em Curso (PREC).



POLICIA INTERNACIONAL E DE DEPESA DO ESTADO

DIR. MISERV. DE INF.

N. 1.187-C. I. (1)

Roge-se que ne resposte se indiquem os números e a data deste oficio.



CONFIDENCIAL

Ao Chefe do Posto da Direcção-Geral de Segurança

GARE MARÍTIMA DE ALCANTARA

Confirmando o meu telefonema desta data, queira proceder à captura do nacional JOSÉ MANUEL CERQUEIRA AFON— SO DOS SANTOS — "Zeca Afoñso" e comunicar imediatamente o facto a esta Direcção de Serviços — (C.I.1).

A Bem da Nação

Lisboa, 12 de Junho de 1971

O INSPECTOR,

Vinterlij.

RS/MC.

Sophia de Mello Breyner Andresen

A SALGUEIRO MAIA

Aquele que na hora da vitória respeitou o vencido

Aquele que deu tudo e não pediu a paga

Aquele que na hora da ganância Perdeu o apetite

Aquele que amou os outros e por isso Não colaborou com a sua ignorância ou vício

Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida» como antes dele mas também por ele Pessoa disse

Salgueiro Maia na madrugada de 25 de Abril de 1974, dirigindo-se aos soldados da Escola Prática de Cavalaría, em Santarém:

"Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!"



Fernando José Salgueiro Maía (1944-1992) foi um dos mais distintos capitães do Movimento das Forças Armadas (MFA). Foi Salgueiro Maia quem comandou no dia 25 de Abril a coluna de blindados que, vinda de Santarém, montou cerco aos ministérios do Terreiro do Paço forçando a rendição do último chefe de governo da ditadura, Marcelo Caetano, no Quartel do Carmo. Recusou cargos de poder político, transformando-se em símbolo da coragem e da generosidade dos capitães de Abril.



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.

Maria Teresa Horta

Mulheres do meu País

Deu-nos Abril o gesto e a palavra

fala de nós por dentro da raíz

Mulheres quebrámos as grandes barricadas dizendo igualdade a quem ouvir nos quis

E assim continuamos de mãos dadas

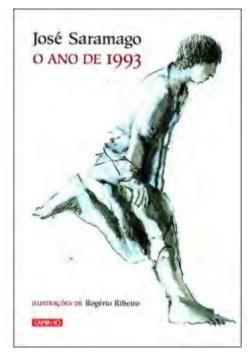
O povo somos mulheres do meu país



María Teresa Horta (*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das Novas Cartas Portuguesas, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida físicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.







OANO DE 1993 Primeira vez que Saramago fala em público do livro, 17/09/1974:

- "O que é que o escritor vai ser neste país que queremos renovado? O que é que uma dada sociedade quer do escritor?"
- "[Sair do] gueto cultural, [vencer as] barreiras da incompreensão."
- Incluir a sua actividade política na obra literária.



"Entrevista do jornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago, sobre a sua vida pessoal, a obra literária, e o momento que se vive em Portugal no pós 25 de abril de 1974", RTP Arquivos, 17/09/1974, https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-saramago-4 >

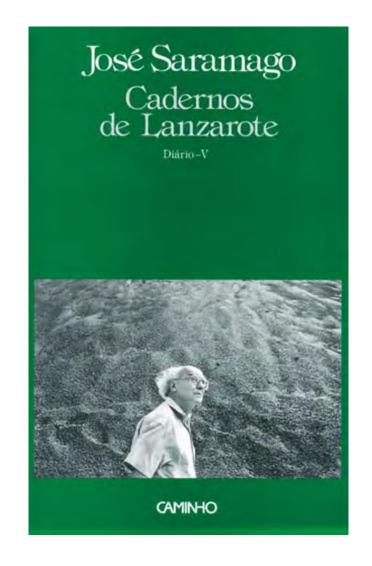
1ª edição do livro em 1975 coincide com:

- Verão Quente, ataques às sedes do PCP no Norte de Portugal.
- 25 de Novembro de 1975, final do PREC.
- Saída de Saramago como directoradjunto do Diário de Notícias.
- Ida de Saramago ao Alentejo para escrever Levantado do Chão.





Tentei expressar [nestes trinta poemas] a angústia, o medo e também a esperança de um povo vivendo sob a ocupação, primeiro resignado e submisso, depois pouco a pouco, organizando a resistência até à batalha final e ao recomeço da vida, paga com o preço de mil mortes. Coloquei no futuro deste povo de um país não nomeado – imagem de quantos vivem sob o domínio e o vexame de outro mais poderoso -, pensando porventura que estaria descrevendo os últimos sofrimentos de uma humanidade que enfim iria principiar a lenta aprendizagem da felicidade e da alegria, sabendo embora que nada nos ficará debaixo da sombra que vamos projectando no chão que pisamos.



3 (...)

Embora se afirme que em um dos milhares de compartimentos do edifício uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo

E também se diz que em outro dos compartimentos um homem aguarda que lhe cresçam as unhas o suficiente

Para espetando-as nos olhos chegar com elas ao côncavo do outro lado do crânio até porventura fazer calar o gemido invisível e abrir novos olhos para um mundo atrás deste (...)

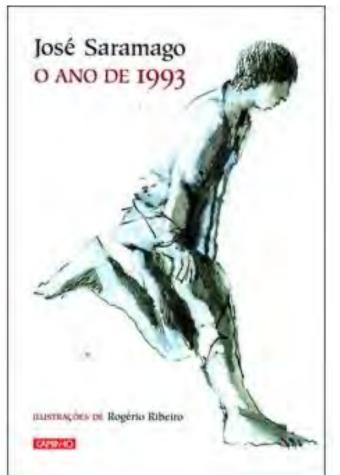


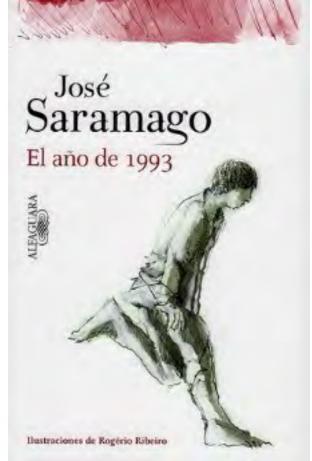
"(...) naquelas idas à Azinhaga para férias, quando minha mãe (...) ia matando saudades com as amigas da juventude, a quem daria parte das suas próprias experiências da civilização, incluindo, se o orgulho e a vergonha não lhe travavam a língua, os maus tratos de um marido desnorteado pelas alegrias eróticas da metrópole lisboeta. Talvez por eu ter sido atónita e assustada testemunha de algumas dessas deploráveis cenas domésticas é que nunca levantei a mão para uma mulher. Serviu-me de vacina."



José Saramago, Pequenas Memórias (2006: 80).









Poema 1



Poema 6



Poema 7



Poema 8



Poema 11



Poema 18



Poema 24



Poema 25



Poema 29



Poema 30

As pessoas estão sentadas numa paisagem de Dali com **as sombras muito recortadas** por causa de um sol que diremos parado [...]

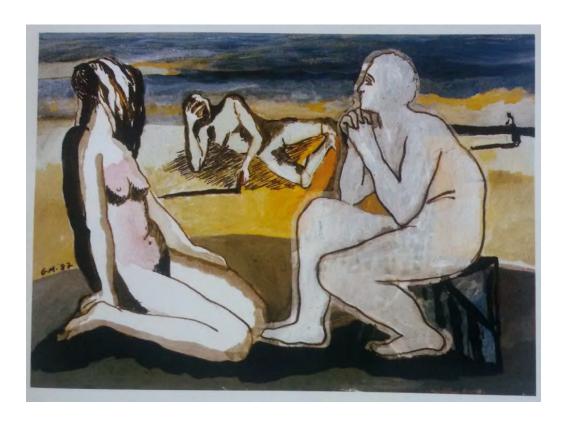
Uma sombra estreita e comprida toca no dedo que risca a poeira do chão e começa a devorá-lo 30

Assim olhar apartado a própria sombra com olhos invisíveis e sorrir disso enquanto as pessoas perplexas procuram onde nada está

E uma criança objectiva se aproxima e estende as mãos para a sombra que fragilmente retém o contorno ainda mas não já o cheiro do corpo sumido

[...]

Consoante se conclui de nada haver debaixo da sombra que a criança levanta como uma pele esfolada





As pessoas estão sentadas numa paisagem de Dali com as sombras muito recortadas por causa de um sol que diremos parado

Quando o sol se move como acontece fora das pinturas a nitidez é menor e a luz sabe muito menos o seu lugar

Não importa que Dali tivesse sido tão mau pintor se pintou a imagem necessária para os dias de 1993

Este dia em que as pessoas estão sentadas na paisagem entre dois prumos de madeira que foram uma porta sem paredes para cima e para os lados

Não há portanto casa nem sequer a porta que poderia não abrir precisamente por não haver para onde abrir [...]

Uma das pessoas vai riscando no chão uns traços enigmáticos que tanto podem ser um retrato como uma declaração de amor ou a palavra que faltasse inventar

Vê-se agora que o sol afinal não estava parado e **portanto a paisagem é** muito menos daliniana do que ficou dito na primeira linha [...]

Uma sombra estreita e comprida toca no dedo que risca a poeira do chão e começa a devorá-lo

Devagar passando aos ossos do metacarpo e depois subindo pelo braço devorando Enquanto algumas pessoas continuam a conversar

E esta se cala porque tudo isto acontece sem dor e enquanto a noite desce

Dimensão plástica dos poemas dialoga & reinterpreta de forma crítica a pintura de Dalí

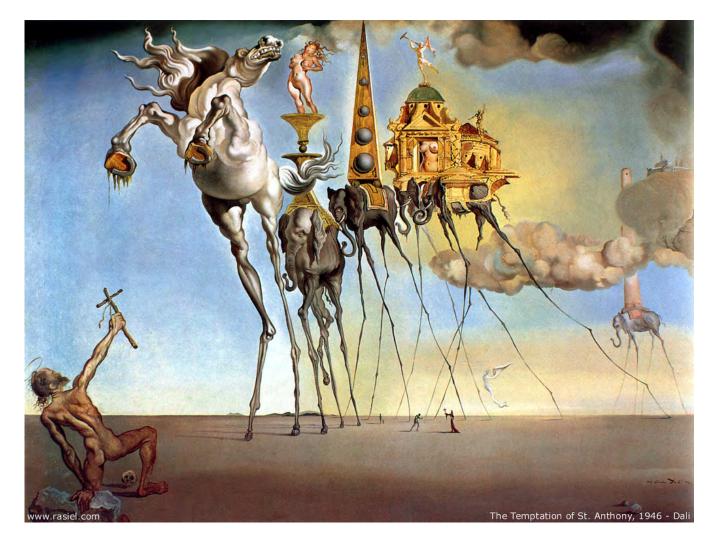


Animais 'cyborg', corrompidos pelo computador do invasor: metáforas negativas, crítica da domesticação.

9

Mas o maior dos horrores trazem-no as aranhas

Embora sejam génios geométricos e matemáticos maliciosamente levam muito tempo a contar enquanto passeiam sobre os rostos espavoridos deslocando-se nas suas trémulas e altas patas



Salvador Dalí. La tentación de San Antonio. Óleo sobre tela (1946).

17

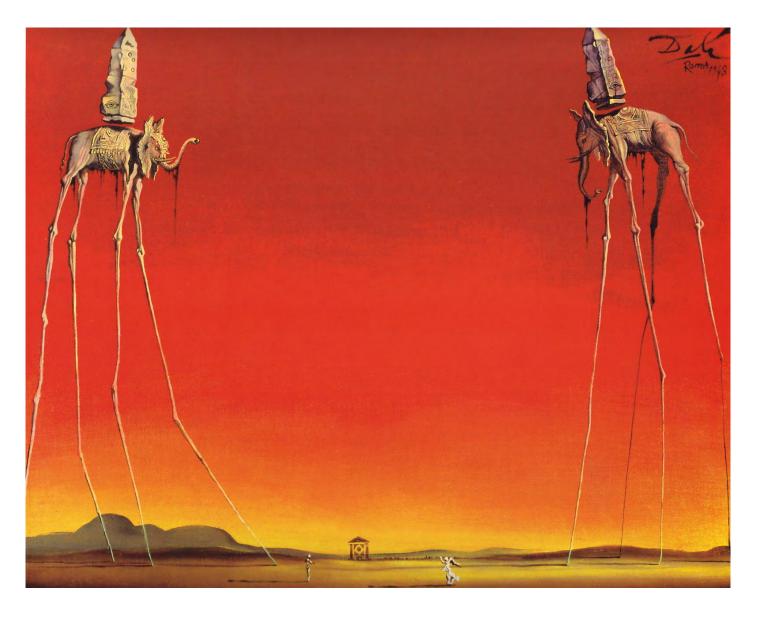
A mais terrível arma de guerra do desprezo foi o elefante

[...]

Talvez quem sabe porque havia sido muitas vezes domesticado e ridicularizado nos circos quando a sua grande estatura se equilibrava numa bola absurda ou se levantava nas patas traseiras para cumprimentar o público

24

Porque a águia fora programada apenas para atacar os homens como o haviam sido os elefantes que bramiam de fúria na garganta dos desfiladeiros apertados onde não podiam entrar



Salvador Dalí. Los elefantes (1948).

Alusão ao totalitarismo orwelliano, à PIDE, crítica avant la lettre da era digital, da gestão da pandemia...

Só essas pessoas assistiram ao primeiro aparecimento do grande olho que iria passar a vigiar a cidade



Salvador Dalí. El ojo. Óleo sobre tela (1945).

Fora instituído o olho de vigilância individual o olho que não dorme nunca



Screen image from "Destino", a short film by Salvador Dali and Walt Disney, lay unfinished for nearly 60 years until it was completed by Disney's nephew Roy Disney.

Image courtesy of LACMA. Los Angeles, CA

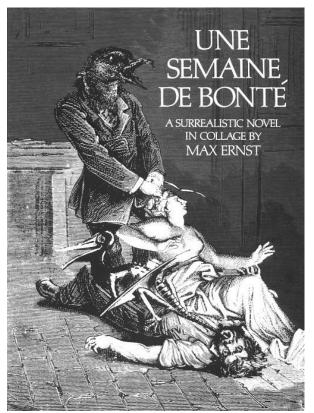
Apenas porque o ódio entrou enfim no corpo das mulheres

Será visto que estando mortos os homens perseguidos os perseguidores hão-de de violá-las conforme mandam as imemoriais regras da guerra

Já tudo isto aconteceu infinitas vezes tantas que violação se não deve dizer pelo contrário entrega

Diálogo intersemiótico: Max Ernst, montagem textual collage





Há um derradeiro momento em que o perseguidor ainda poderia retirar-se

Mas logo é tarde e no exacto instante em que o espasmo militarmente iria deflagrar

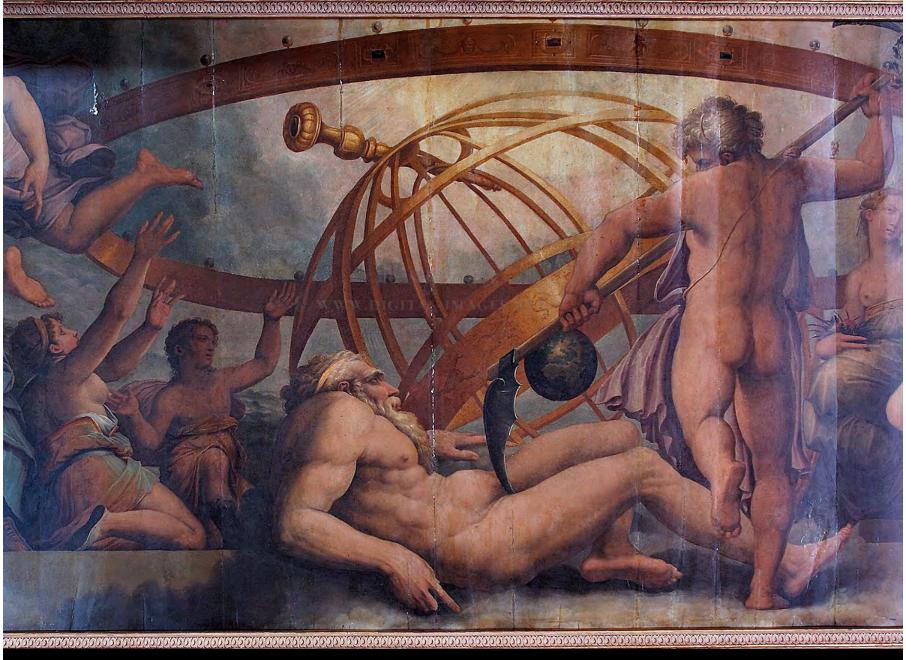
Com um estalo seco e definitivo os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas

Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados

Complexo de castração freudiano?



Salvador Dalí, El gran masturbador, 1929, óleo, Museo Reina Sofía Castração como luta pelo poder?

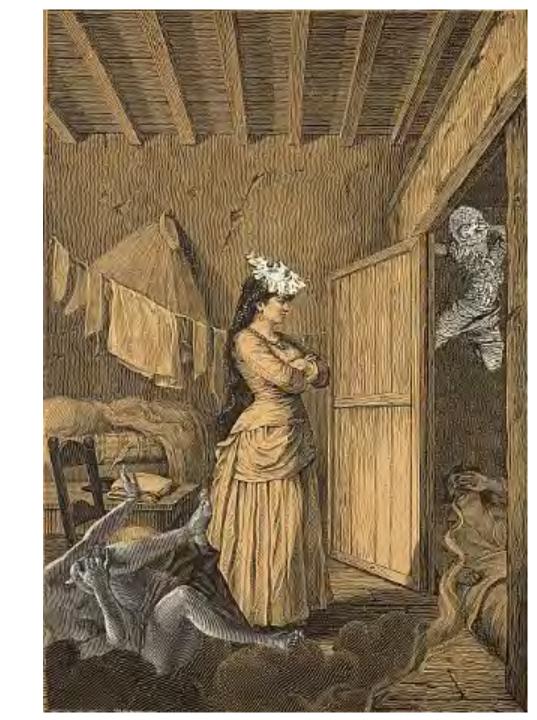




Saramago: collage mitológica, poética e política

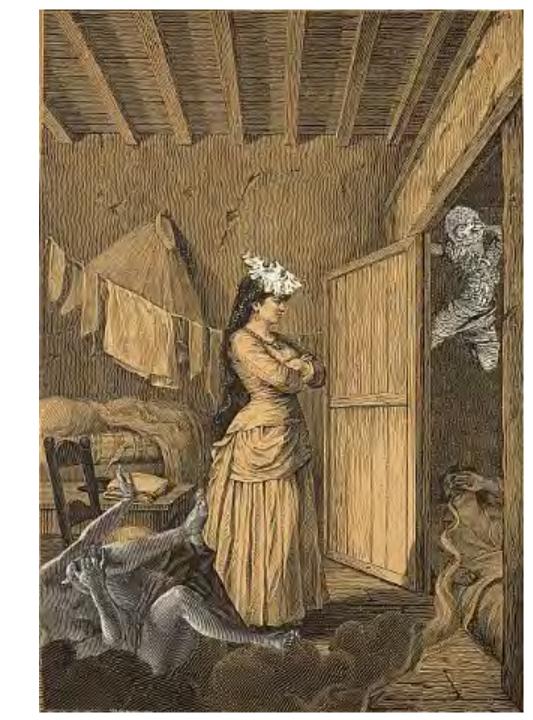
8

Há um derradeiro momento em que o perseguidor ainda poderia retirar-se Mas logo é tarde e no exacto instante em que o espasmo militarmente iria deflagrar Com um estalo seco e definitivo os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados



"A técnica da collage é a exploração sistemática do encontro casual ou artificial entre duas ou mais realidades, essencialmente diferentes, num contexto aparentemente inapropriado para isso — ela é a faísca da poesia que salta na aproximação destas realidades"

(Max Ernst apud Schneede 2001: 90-91)



"Encontros" de realidades poético-políticas em O Ano de 1993

surrealismo	&	neo-realismo
ciência ficção	&	messianismo redentor
retórica bíblica	&	ideologia marxista
violência opressora	&	violência revolucionária/libertadora
violência de género	&	castração
patriarcado	&	empoderamento da mulher
"mudar o mundo" (Marx, Trotzki)	&	"mudar a vida" (Rimbaud, Breton)

O leitmotiv da mudança em O Ano de 1993

"mudança possue tudo" (Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, 1554)

- questionamento dos princípios civilizacionais
- crítica avant la lettre da era digital
- possibilidade sempre inerente do regresso da barbárie
- neo-realismo torna-se surrealista (no seu significado político)
- Revolução dos Cravos mudou tudo e não mudou nada (em 2006, Saramago disse que já não restava nada da revolução)

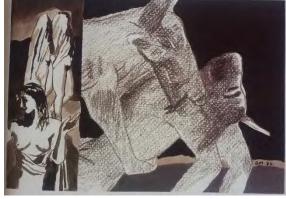
- Rearmar o impulso neo-realista com a imaginação surrealista.
- Tirar a máscara às ideologias opressoras.
- Defender a emancipação do ser humano.
- Cenário estético insólito, quase escatológico.
- Colagens de imagens fortes e extremas, montagem textual de fragmentos de carácter épico.

Criação poética:

- Pôr acontecimentos em discurso aberto.
- Forçar confluência dos tempos real e imaginário.
- Mostrar quão dependente é a noção da verdade do contexto situacional no qual opera.
- Criar imagens chocantes, ontologicamente desconcertantes.
- Estabelecer relação política entre subjectivação, poesia, imagem, corpo e lugar.



Poema 1



Poema 6



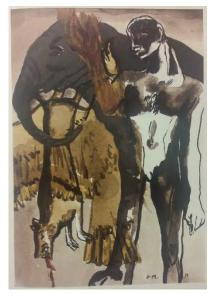
Poema 7



Poema 8



Poema 11



Poema 18



Poema 24



Poema 25



Poema 29



Poema 30

As pessoas estão sentadas numa paisagem de Dali com as sombras muito recortadas **por causa de um sol que diremos parado**

Quando o sol se move como acontece fora das pinturas a nitidez é menor e a luz sabe muito menos o seu lugar

Não importa que Dali tivesse sido tão mau pintor se pintou a imagem necessária para os dias de 1993

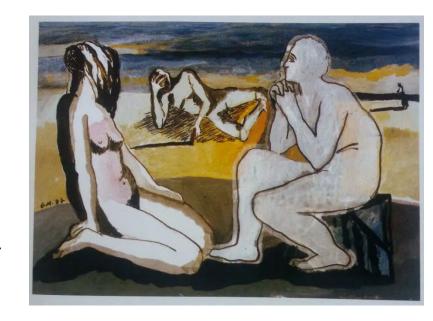
Este dia em que as pessoas estão sentadas na paisagem entre dois prumos de madeira que foram uma porta sem paredes para cima e para os lados

Não há portanto casa nem sequer a porta que poderia não abrir precisamente por não haver para onde abrir [...]

Uma das pessoas vai riscando no chão uns traços enigmáticos que tanto podem ser um retrato como uma declaração de amor ou a palavra que faltasse inventar

Vê-se agora que **o sol afinal não estava parado** e portanto a paisagem é muito menos daliniana do que ficou dito na primeira linha [...]

Uma sombra estreita e comprida toca no dedo que risca a poeira do chão e começa a devorá-lo [...]





Nenhum lugar é suficientemente belo na terra para que doutro lugar nos desloquemos a ele

Mas uma razão haverá para que a todas as horas do dia venham andando grupos de pessoas na direcção da rua das estátuas

[...]

Não é difícil chegar basta olhar o chão e seguir sempre pelos caminhos mais pisados também reconhecíveis pelas duas alas de excrementos que os ladeiam

O sol resseca-os rapidamente e se a chuva os desfaz nunca tanto que restitua o chão a uma qualquer virgindade

[...]

Passado o último horizonte é que está a rua das estátuas

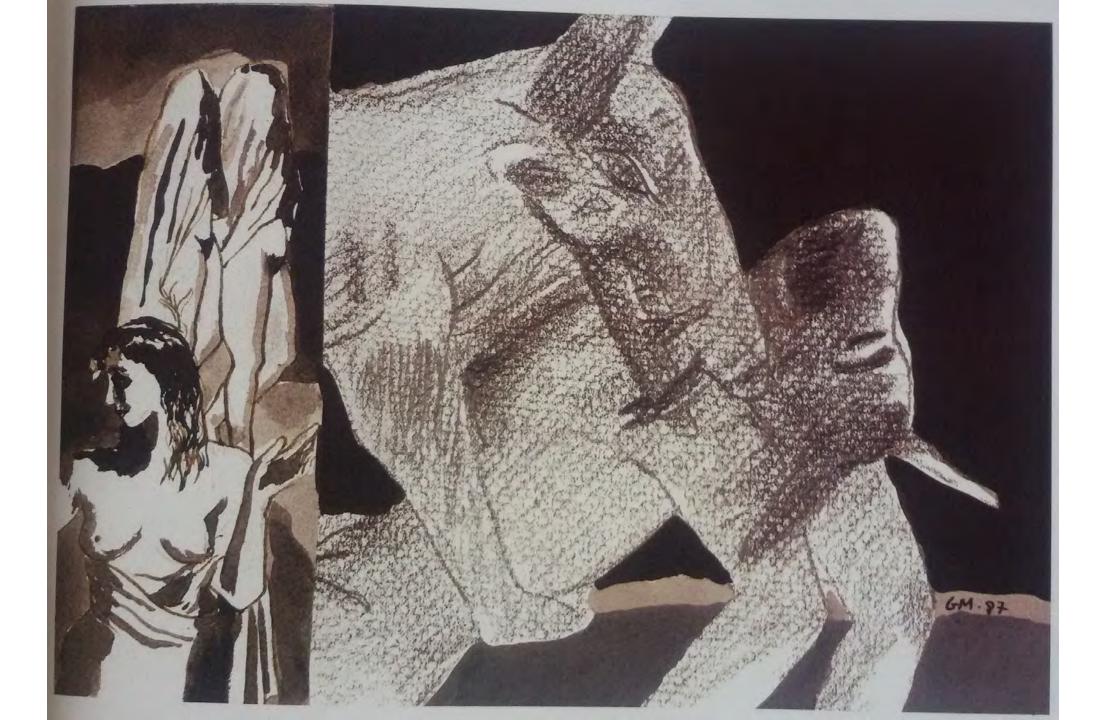
Nenhum excremento nas imediações

E eis que cinquenta estátuas de cada lado incrivelmente brancas mas a que os jogos das luzes e das sombras alternadas fazem mover os membros e as feições

Mostram a quem passa vindo de longe como poderiam ter sido os homens

Pois há motivos para pensar que nunca foram assim





O comandante das tropas de ocupação tem um feiticeiro no seu estado-maior

[...]

O feiticeiro apenas intervém quando ao comandante das tropas de ocupação apraz usar o chicote

Nessas ocasiões saem ambos para os arredores da cidade e postos num ponto alto convoca o mágico os poderes ocultos e por eles reduz a cidade ao tamanho de um corpo humano

Então o comandante das tropas de ocupação faz estalar três vezes a ponta para habituar o braço e logo a seguir **chicoteia a cidade** até se cansar

[...]

Sempre que isto acontece os habitantes ao encontrarem-se nas ruas perguntam uns aos outros que sinais são aqueles de chicotadas na cara

Quando tão seguros estão de que ninguém os chicoteou nem tal consentiriam





Está determinado que hoje se travará uma grande batalha e não obstante o número de mortos previsto assim se fará

Nunca a certeza dos mortos evitou uma guerra muito menos em 1993 quando os escrúpulos não são prisão e impedimento

Não os têm os perseguidores aos perseguidos aconselha-se que os não tenham [...]

Apenas porque o ódio entrou enfim no corpo das mulheres

Será visto que estando mortos os homens perseguidos os perseguidores hão-de de violá-las conforme mandam as imemoriais regras da guerra

Já tudo isto aconteceu infinitas vezes tantas que violação se não deve dizer pelo contrário entrega

Por isso a longa fileira das mulheres deitadas espera com indiferença que é simulada a penetração dos perseguidores [...]

Há um derradeiro momento em que o perseguidor ainda poderia retirar-se

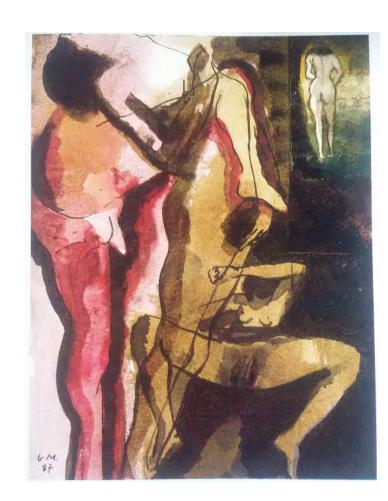
Mas logo é tarde e no exacto instante em que o espasmo militarmente iria deflagrar

Com um estalo seco e definitivo os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas

Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados

Uma só mulher porém enquanto as outras celebram a justa vitória retira suavemente o membro amputado que ainda tivera tempo de ejacular

E levantada comprime o sexo com as mãos e afasta-se pela planície na direcção das montanhas

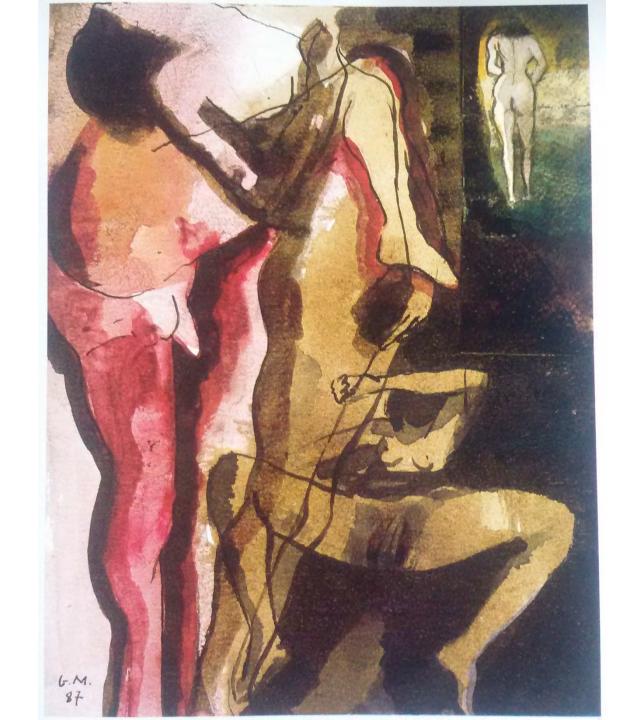






Rape Axe, preservativo feminino antiviolação





Foram requisitados todos os termómetros da cidade e proibida sob pena de morte a sua posse [...]

Graças ao desaparecimento dos termómetros as crianças puderam muitas pela primeira vez sentir a frescura das mãos do pai ou da mãe sobre a testa quente

[...]

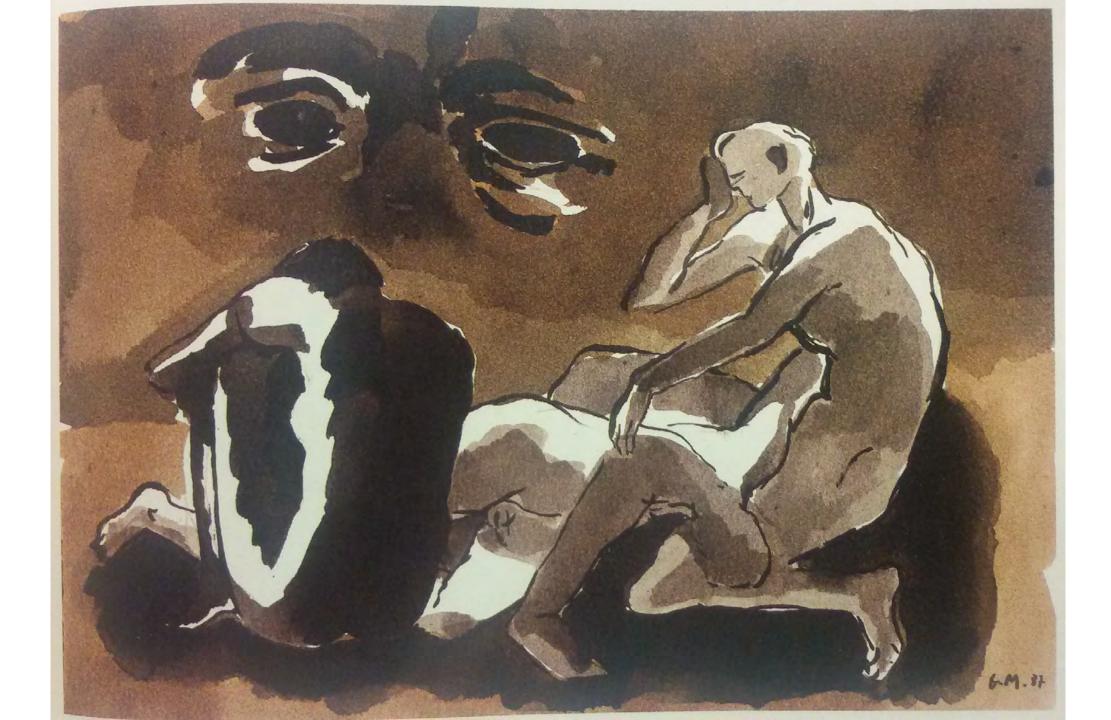
Até ao dia em que a população compreendeu o fim a que se destinava o mercúrio retirado dos termómetros e todo o outro existente noutros lugares [...]

Fora instituído o olho de vigilância individual o olho que não dorme nunca

Mas as mães têm reparado que sobre a esfera de mercúrio desce uma espécie de véu sempre que as suas mãos pousam nas testas das crianças com febre

Nessas ocasiões o ordenador central recebe dados insólitos que falseiam a informação geral [...]





Mas ao apagar-se o fogo acontecera a desgraça de todas mais temida porque com ela seria o tempo do pavor sem remédio do negrume gelado da solidão

[...]

Reuniram-se em volta das cinzas e ali mesmo o chefe foi deposto e as quatro mulheres apedrejadas mas não até à morte

[...]

Outra noite se levantou da terra e vieram os lobos mecânicos que levaram consigo de rastos os dez homens mais fortes

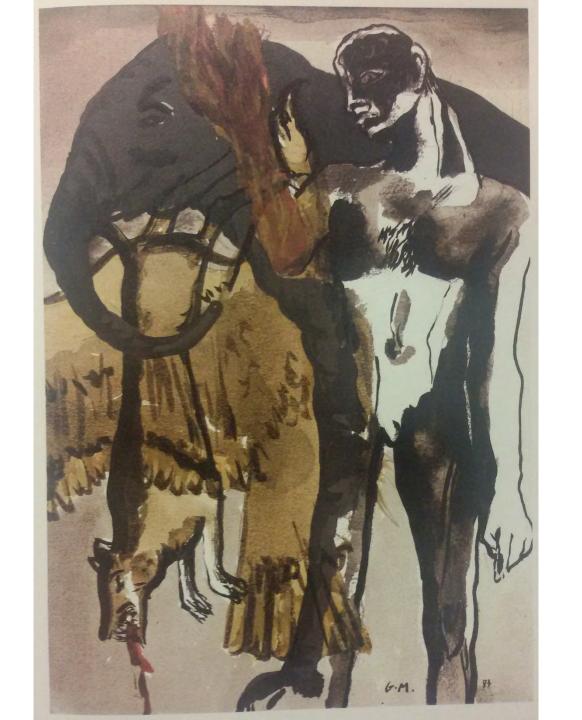
Só se afastaram quando o sol começou a aparecer e uivaram de longe com as suas gargantas de ferro enquanto das feridas dos mortos pingava o sangue

[...]

Até ao momento em que distinguiram o homem que corria para eles o companheiro que os deixara duas noites antes e que nesse homem havia também um ponto luminoso

Uma labareda que vinha no braço levantado e que era a própria mão ardendo da luz do sol roubada





Sete noites durou a marcha pelos labirintos da montanha sete dias dormiu a tribo e outras que se haviam juntado em grutas onde às vezes descobriam pinturas de homens lutando contra animais ou outros homens

[...]

Então as tribos recolheram-se outra vez ao desfiladeiro à espera da noite e nas paredes duma gruta alguns homens reproduziram o leão e os corvos voando e ao fundo uma cidade armada

Feito o que desenharam o retrato de si próprios segurando uns toscos paus e na transparência do peito limitado por dois riscos laterais marcaram o lugar que deve ocupar um coração vivo





Embora houvesse já muito tempo que não nasciam crianças não se perdera por completo a lembrança de um mundo fértil

E acontecera mesmo que algumas tribos mais sedentárias redescobriram certas práticas mágicas que vinham de tempos antiquíssimos

Por isso nos campos cultivados faziam correr as mulheres menstruadas para que o sangue escorrendo ao longo das pernas embebesse o chão com sangue de vida e não de morte

Nuas corriam deixando um rasto que os homens cobriam cuidadosamente de terra para que nem uma gota secasse sob o calor agora nocivo do sol E um dia vinda de longe uma mulher grávida quase no fim do tempo chegou e pediu que a deixassem ficar ali até parir

[...]

E desta maneira tudo começou naquele lugar e não noutro com aquela gente e não outra apenas com o presente e o futuro não o passado

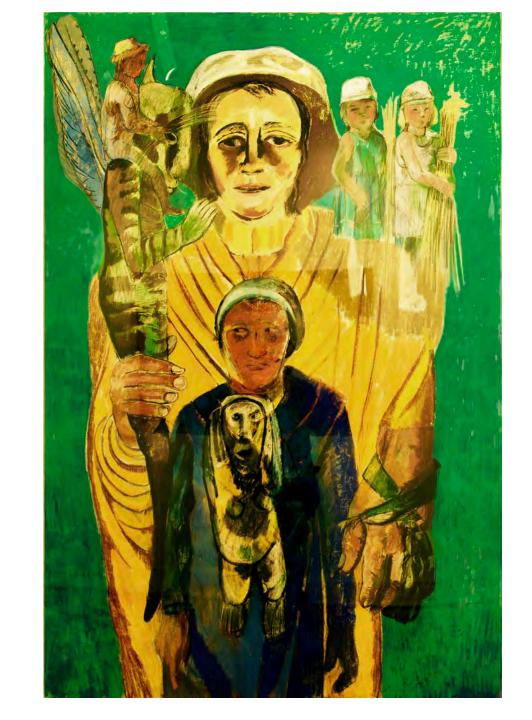
Alguns dias mais tarde nasceu uma criança e houve as melancólicas festas de então e todas as mulheres se declararam grávidas







Graça Morais, Deusas da Montanha, Instituto Camões, 2001



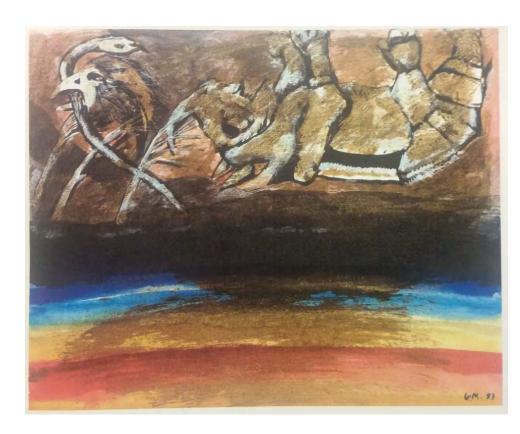
Depois choveu e a terra ficou subitamente verde com um enorme arco-íris que não se desvaneceu nem quando o sol se pôs [...]

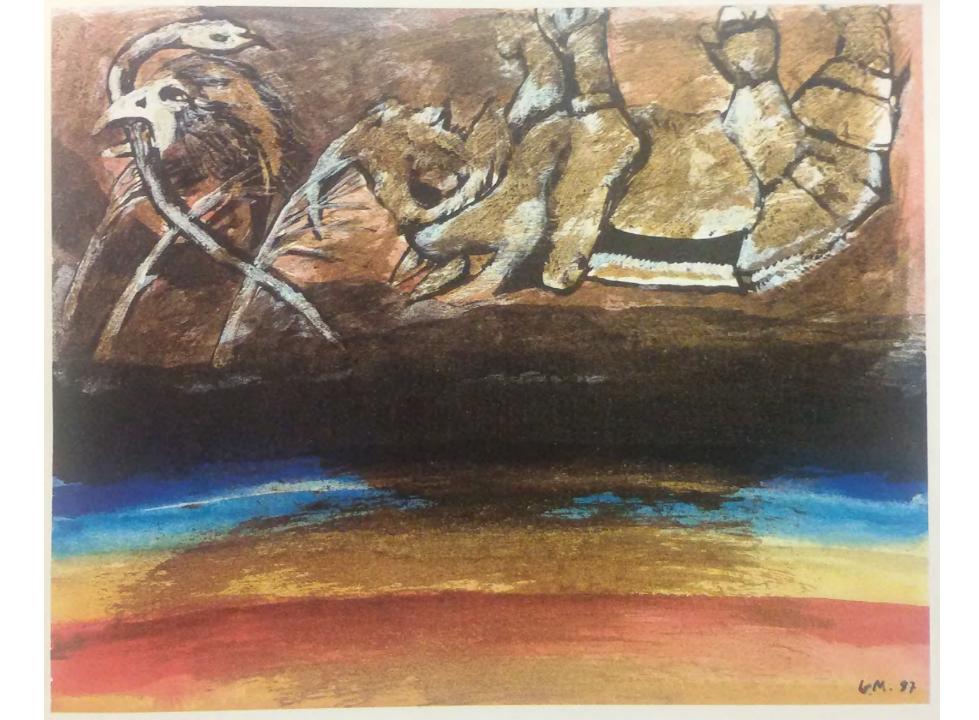
E um homem e uma mulher caminharam entre a noite e as ervas naturais e foram deitar-se no lugar precioso onde nascia o arco-íris

Ali se despiram e nus debaixo das sete cores foram toda a noite um novelo de vida murmurante sobre a erva calcada e cheirosa das seivas derramadas [...]

A mulher e o homem voltaram à cidade deixando pelo chão um rasto de sete cores lentamente diluídas até se fundirem no verde absoluto dos prados [...]

Entretanto o arco-íris tem voltado todas as noites e isso é um bom sinal





Uma vez mais o infinito combate as batalhas aquelas que se ganharam e essas outras humildes perdidas e de que não se quer falar

Uma vez mais os suspiros sobretudo os últimos e os primeiros e os que estão entre uns e outros uma vez mais o braço sobre o ombro e o corpo sobre o corpo

[...]

Uma vez mais a ida e o regresso e agora a esperada fadiga entre duas altas montanhas num chão de pedra onde a sombra de repente fica enquanto o corpo se dissolve no ar

Assim olhar apartado a própria sombra com olhos invisíveis e sorrir disso enquanto as pessoas perplexas procuram onde nada está

E uma criança objectiva se aproxima e estende as mãos para a sombra que fragilmente retém o contorno ainda mas não já o cheiro do corpo sumido

Uma vez mais enfim o mundo o mundo algumas coisas feitas contadas tantas não e sabê-lo

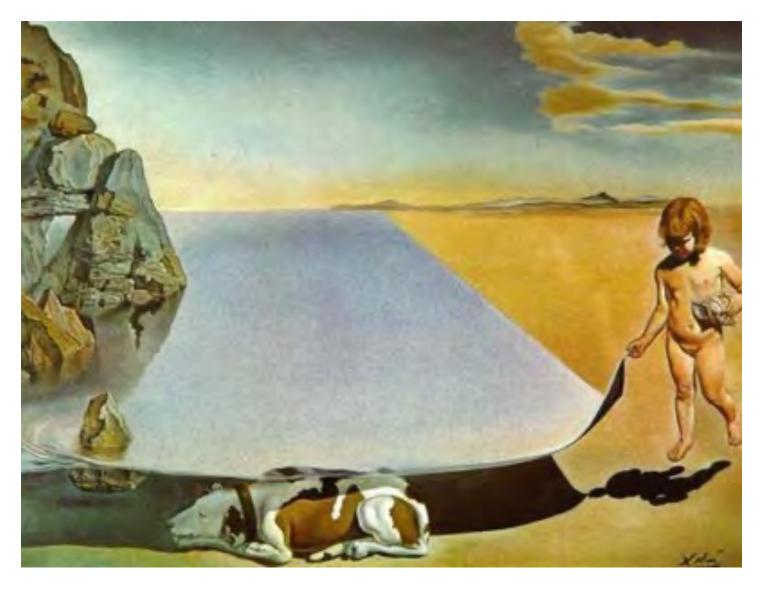
Uma vez mais o impossível ficar ou a simples memória de ter sido

Consoante se conclui de nada haver debaixo da sombra que a criança levanta como uma pele esfolada



"criança objectiva [que] se aproxima e estende as mãos para a sombra, que fragilmente retém o contorno ainda, mas não já o cheiro do corpo sumido"





Dalí a los seis años cuando creía ser una niña, levantando la piel del água para ver a un perro que duerme a la sombra del água (1950)













Bibliografia (selecção):

Baltrusch, Burghard (2020). 'A arte é o que fica na história' - 'O Ano de 1993' de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais. Bulletin of Hispanic Studies 97:7.

https://www.academia.edu/43913106/ A arte %C3%A9 o que fica na hist%C3%B3ria O Ano de 1993 de Jos%C3%A9 Saramago e as ilustra%C3%A7%C3%B5es de Gra%C3%A7a Morais

O perigo de perdermos a civilização e a humanidade: "O Ano de 1993", de José Saramago, e as Ilustrações, de Graça Morais,
 [conferência] https://www.academia.edu/video/IBM6V1

Breton, André (1971). Position politique du surréalisme. Paris: Société nouvelle des éditions Pauvert.

— (1985) [1836]. Por uma Arte Revolucionária Independente/ Breton-Trotski, coord. Vlenti Facioli, Parte 1 trad. Carmem Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura. Parte 2 escrito por Patricia Mario de Andrade et al. (São Paulo: Paz e Terra/ CEMAP).

Ernst, Max (1934). Une semaine de bonté ou Les septs éléments capitaux. Paris: Éditions Jeanne Bucher.

– (1991). 'Biographische Notizen', in Retrospektive zum 100. Geburtstag, ed. Werner Spies, München: Prestel.

Monteagudo, Antía (2020). A cidade de O ano de 1993. Santa Barbara Portuguese Studies, vol. 5. https://www.academia.edu/43418278/A cidade de O ano de 1993

Saramago, José (1975). O Ano de 1993. Lisboa: Futura.

Saramago, José & Graça Morais (1987). O Ano de 1993. Ilustrações de Graça Morais. Lisboa: Caminho.